

## PIB DO AGRONEGÓCIO FECHA 2023 COM QUEDA DE 2,99%

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apresentou redução de 2,07% no quarto trimestre de 2023, acumulando queda de 2,99% no ano (Tabelas 1 e 2). Embora ao longo do primeiro semestre do ano, o setor viesse apresentando uma recuperação da queda registrada em 2022, o desempenho observado no segundo semestre não foi capaz de sustentar o crescimento no ano.

A Tabela 2, apresenta as variações trimestrais do PIB do agronegócio, considerando os dados do terceiro e quarto trimestres de 2023, seus ramos e segmentos. Nela, é possível notar que a queda percebida no PIB do agronegócio reflete, principalmente, o desempenho do ramo agrícola, dada a estabilidade observada para o ramo pecuário. Para o ramo agrícola, com exceção do primário, que apresentou modesto crescimento de 0,31%, todos os segmentos recuaram frente ao terceiro trimestre do ano. Já no ramo pecuário, a estabilidade reflete a contraposição das quedas observadas para os segmentos de insumos e primário e dos avanços para agroindústria e agrosserviços.

Conforme mostra a Tabela 1, no acumulado do ano foram observadas quedas para os ramos agrícola (-3,26%) e pecuário (-2,30%). Naquele, o desempenho foi pressionado pelos resultados dos segmentos de insumos, agroindústrias e agrosserviços; enquanto neste, a pressão foi observada apenas nos segmentos de insumos e primário.

Como será discutido ao longo deste relatório, de maneira geral, em 2023, o desempenho do agronegócio foi impactado pela queda dos preços em todos os seus segmentos. Observaram-se reduções nos preços de vários produtos agropecuários e agroindustriais em comparação a 2022. Contudo, o resultado não foi mais desfavorável em virtude das safras recordes no campo e da maior produção de base pecuária, nos segmentos primário e agroindustrial, o que, por sua vez, impulsionou a demanda por insumos e por agrosserviços.

**Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)**

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-23,57	-1,00	-2,05	-1,31	-2,99
Ramo agrícola	-27,92	5,11	-3,43	-3,24	-3,26
Ramo pecuário	-9,32	-10,61	4,07	4,06	-2,30

Fonte: Cepea/USP e CNA

**Tabela 2. PIB do Agronegócio: Taxa de variação trimestral (%)**

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-6,35	-1,42	-2,05	-1,82	-2,07
Ramo agrícola	-8,10	0,31	-3,23	-3,43	-2,82
Ramo pecuário	-1,16	-4,34	3,11	2,59	-0,07

Fonte: Cepea/USP e CNA

Entre os segmentos, o de insumos foi aquele que apresentou o pior desempenho no acumulado do ano, com expressiva queda de 23,57% frente ao observado em 2022. Este resultado compreende os comportamentos dos ramos agrícola e pecuária. Para os insumos

agrícolas, a expressiva queda (-27,92%) decorreu do desempenho das indústrias de fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas. Para os insumos pecuários, a redução (-9,32%) refletiu o desempenho da indústria de rações.

Para o PIB do segmento primário, a queda de 1,00% em 2023 resultada do desempenho divergente da agricultura (5,11%) e da pecuária (-10,61%). No primário agrícola, o crescimento do PIB foi impulsionado, principalmente, pelos excelentes volumes obtidos na safra de 2023, especialmente no cultivo de milho e soja. Contudo, essa expansão não foi mais expressiva devido à queda nos preços médios reais de importantes culturas agrícolas, com destaques para as de algodão, de café, de milho, de soja e de trigo. Quanto ao primário da pecuária, o desempenho do segmento reflete os resultados negativos observados para a bovinocultura (pare corte e para leite) e avicultura para corte, que, embora tenham expandido a produção anual, foram afetados sobremaneira pela desvalorização dos seus preços reais, comparativamente ao ano anterior.

No caso do PIB do segmento agroindustrial, em 2023, a queda (-2,05%) decorreu dos movimentos opostos das agroindústrias de base agrícola (-3,43%) e das de base pecuária (4,07%). Naquelas, a redução foi provocada pela queda dos preços dos produtos – com destaque para as indústrias de produtos de madeira, de papel e celulose, de biocombustível, de café industrializado e de óleos vegetais, uma vez que se observaram aumento da produção industrial e menor custos com insumos. Já na indústria pecuária, apesar do aumento da produção de carnes e da redução dos custos com insumos, o PIB também foi impactado pelo comportamento desfavorável dos preços para as indústrias de couro e calçados, de abate e preparação carnes e pescado e de laticínios.

Por fim, o PIB dos agrosserviços apresentou queda de 1,31% no ano. Para os agrosserviços de base agrícola, observou-se redução de 3,24%, enquanto para os de base pecuária houve expansão de 4,06%.

Considerando os desempenhos do agronegócio, seus ramos e seus segmentos no acumulado do ano, a Tabela 3 apresenta os valores monetários anuais do PIB em 2023. Com base nesse desempenho, o PIB do agronegócio brasileiro foi de R\$ 2,58 trilhões em 2023, sendo 1,86 trilhão no ramo agrícola e 721 bilhões no ramo pecuário (a preços do quarto trimestre de 2023). Portanto, considerando esses resultados e o comportamento do PIB brasileiro no período, a participação do setor na economia foi de 23,8% em 2023, abaixo dos 25,2% registrados em 2022.

**Tabela 3. PIB do Agronegócio, seus ramos e segmentos (em R\$ milhões do quarto trimestre de 2023\*) – observado para 2022 e 2023**

		PIB (em R\$ milhões reais*)		Variação anual
		2022**	2023***	(%)
<b>Agronegócio</b>	Insumos	190.617	145.689	-23,6
	Primário	718.879	711.704	-1,0
	Agroindústria	616.493	603.873	-2,0
	Agrosserviços	1.134.929	1.120.072	-1,3
	<b>Total agronegócio</b>	<b>2.660.917</b>	<b>2.581.338</b>	<b>-3,0</b>
<b>Ramo agrícola</b>	Insumos	146.037	105.265	-27,9
	Primário	439.453	461.923	5,1
	Agroindústria	502.546	485.291	-3,4
	Agrosserviços	834.548	807.498	-3,2
	<b>Total ramo agrícola</b>	<b>1.922.584</b>	<b>1.859.978</b>	<b>-3,3</b>
<b>Ramo pecuário</b>	Insumos	44.580	40.423	-9,3
	Primário	279.425	249.782	-10,6
	Agroindústria	113.947	118.582	4,1
	Agrosserviços	300.381	312.573	4,1
	<b>Total ramo pecuário</b>	<b>738.333</b>	<b>721.360</b>	<b>-2,3</b>

Fonte: Cepea/USP e CNA.

\* Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB;

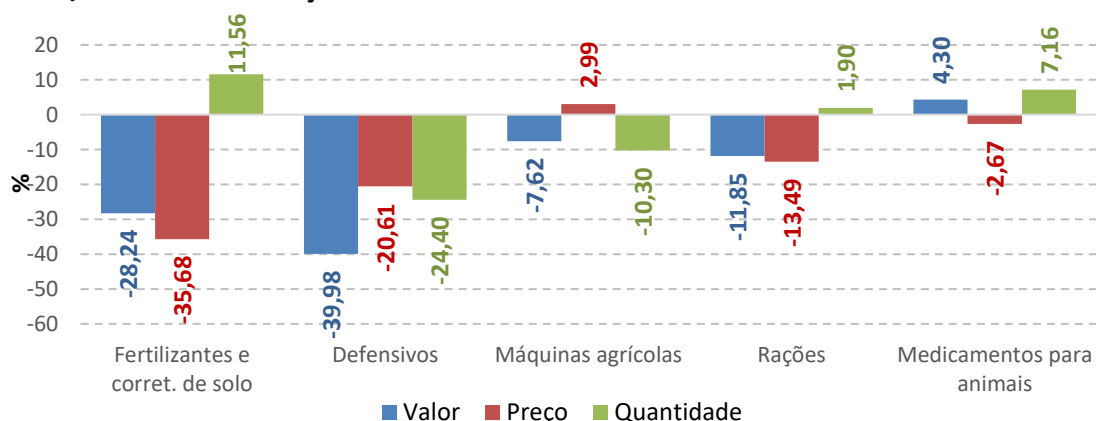
\*\* Valores observados para 2022 considerando informações de janeiro a dezembro;

\*\*\* Valores observados para 2023 considerando informações de janeiro a dezembro.

**SEGMENTO DE INSUMOS: influenciado pela desvalorização dos preços dos insumos, PIB do segmento sofre queda expressiva em 2023**

No quarto trimestre de 2023, o PIB do segmento de insumos do agronegócio reduziu 6,35% (Tabela 2). No acumulado do ano, a queda foi de 23,57% (Tabela 1). O resultado reflete o desempenho das atividades do ramo pecuário, mas, principalmente, do ramo agrícola. A Figura 1 mostra o desempenho de cada uma das atividades que compõem o segmento.

**Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2023/2022 com informações até dezembro**



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações).

Em 2023, verificou-se redução de 28,24% do valor bruto de produção da indústria de fertilizantes e corretivos de solo, decorrente da queda de 35,68% dos preços reais na comparação com 2022. A produção, por sua vez, cresceu 11,56%, o que contribuiu para amenizar o impacto dos preços reais. Cabe ressaltar que, em 2022, os preços reais cresceram substancialmente (40,41% frente aos níveis de 2021), em decorrência da baixa disponibilidade de matéria-prima para a produção, em face do conflito no Leste Europeu, e da antecipação da aquisição de fertilizantes pelos produtores, diante do receio de desabastecimento. Esses fatores contribuíram para a moderação dos preços observada em 2023. Além disso, ao longo do ano, houve relatos de ritmo mais lento de vendas de fertilizantes, atribuído à cautela por parte dos produtores diante da perspectiva de margens apertadas e incertezas em relação ao plantio da próxima safra. Nesse sentido, cabe ressaltar que a queda dos preços das commodities reduz o potencial impacto de redução de custos atrelada à queda dos preços dos fertilizantes.

No caso da indústria de defensivos, em 2023, houve queda de 39,98% do valor bruto de produção decorrente da combinação de desvalorização real de 20,61% dos preços e redução de 24,40% da produção anual. De maneira semelhante ao observado para a indústria de fertilizantes e corretivos de solo, o importante avanço dos preços ocorrido em 2022, posicionando-os em altos patamares, justifica, em partes, o recuo registrado em 2023. Naquele período, a valorização dos defensivos estava diretamente ligada aos impactos da pandemia e a eventos geopolíticos, que desencadearam a diminuição da oferta de matéria-prima e o aumento dos custos logísticos. Entretanto, ao longo de 2023, observou-se uma volta aos níveis de preços pré-pandêmicos. Apesar desse cenário, os produtores adotaram uma postura cautelosa em relação à aquisição de insumos. Isso se deve tanto à margem de lucro reduzida, influenciada pela queda nos preços das commodities, quanto às incertezas que permeiam desde as condições climáticas até o momento ideal para a compra de insumos.

Quanto à indústria de máquinas agrícolas, foi registrada queda de 7,62% do valor bruto de produção anual. O resultado reflete o encolhimento de 10,30% da produção anual da atividade, haja vista a alta de 2,99% dos preços reais na comparação entre anos. O desempenho da atividade está atrelado ao receio dos produtores em comprometerem-se com os investimentos, seja devido aos altos níveis da taxa de juros, que encarece substancialmente o financiamento, ou à retração dos preços das commodities, que reduz o poder de compra dos agricultores e refreia as vendas de máquinas agrícolas. O aumento das vendas de usados – que influencia o ritmo de produção de novas máquinas – se expandiu no período. As exportações brasileiras, outro canal de escoamento da produção nacional, apresentou retração importante no ano, conforme destacado pela Anfavea.

Por fim, para a indústria de rações, o valor bruto de produção recuou 11,85% em 2023 frente a 2022. O resultado reflete a queda de 13,49% dos preços reais, na mesma comparação, considerando o aumento de 1,90% da produção anual. O desempenho dos preços da indústria está diretamente relacionado à desvalorização das commodities, especialmente soja e milho, que são dois importantes componentes da produção da ração. Cabe ressaltar, contudo, que o afrouxamento dos custos de produção não implica necessariamente um alívio para as margens de lucro do pecuarista, haja vista a queda das cotações dos animais, em geral, conforme será explorado mais detalhadamente na seção seguinte. O incremento da produção anual, por sua vez, está relacionado à expansão da oferta de animais para abate, conforme indicado pelas pesquisas trimestrais do abate do IBGE.

O desempenho das atividades que compõem o segmento de insumos, geralmente, está intimamente ligado às atividades do segmento primário. No âmbito dos insumos agrícolas, com exceção da indústria de máquinas agrícolas, registrou-se uma queda nos preços reais. Essa redução sugere uma diminuição nos custos de produção dos agricultores e uma possível melhora nas condições de troca. No entanto, esse cenário não é universalmente observado, especialmente em relação às commodities cujos preços sofreram desvalorizações significativas. No caso dos insumos pecuários, especialmente no que diz respeito às rações para animais, a redução de preços pode representar um alívio nos custos para os pecuaristas, particularmente

para aqueles setores que têm sido impactados há algum tempo pelos aumentos nos custos de alimentação animal. No entanto, é importante considerar as desvalorizações ocorridas em algumas atividades, como a bovinocultura de corte e de leite, bem como a avicultura.

### **SEGMENTO PRIMÁRIO: pressionado pelas quedas nos preços, PIB agrícola apresenta ligeira queda em 2023**

Com recuo de 1,42% no quarto trimestre, o PIB do segmento primário do agronegócio acumulou queda de 1,00% no acumulado de 2023. Esse resultado reflete o movimento oposto do primário agrícola e do primário pecuário. Para o segmento primário agrícola, o PIB cresceu 0,31% no quarto trimestre, mas ainda acumulou crescimento de 5,11% no ano. Já para o segmento primário pecuária, houve retração de 4,34% no quarto trimestre, resultando em queda acumulada de 10,61% em 2023 (Tabelas 1 e 2).

No ramo agrícola, apesar da queda nos preços de importantes culturas, o crescimento do PIB foi sustentado pela safra recorde de grãos, especialmente milho e soja, juntamente com o aumento na produção de vários outros produtos agrícolas, como será detalhado nas análises subsequentes. Além disso, a diminuição nos custos com insumos, ocasionada pela queda nos preços dos fertilizantes, defensivos e combustíveis, contribuiu para impulsionar o desempenho do campo. No ramo pecuário, apesar da diminuição nos custos com insumos e aumento na produção e oferta pecuária, houve queda no valor bruto da produção real em 2023. Este resultado foi reflexo dos preços mais baixos de bovinos e aves para corte e do leite.

Especificamente, para o segmento primário agrícola, ao considerar a média ponderada das culturas acompanhadas, se observou redução de 7,04% no valor bruto da produção anual, reflexo principalmente dos preços 18,89% menores frente aos de 2022 – as principais quedas nos preços são para algodão, café, milho, soja e trigo. No que se refere à produção, houve um aumento de 14,61% devido, especialmente, às altas na produção de algodão, café, cana-de-açúcar, milho e soja. No entanto, o crescimento do PIB renda foi mantido devido à diminuição dos custos com insumos. No segmento primário pecuário, observa-se redução de 9,28% no valor bruto da produção anual, mesmo no contexto de arrefecimento dos custos. Ao longo de 2023, os preços, em média, apresentaram queda de 15,34% frente aos de 2022, sendo influenciados pela bovinocultura para corte e para leite e para a avicultura. Para a produção da pecuária, a média ponderada indica avanço de 7,16%, com resultados positivos para bovinos, aves, leite, ovos e suínos.

A Tabela 4 e a Figura 2 detalham os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas e pecuárias. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, houve crescimento do valor bruto da produção em 2023 para: arroz, cacau, cana-de-açúcar, fumo, laranja, uva, lenha e carvão e madeira para celulose e em tora. Já as culturas para as quais se observou queda no valor bruto da produção foram: algodão, banana, batata, café, feijão, mandioca, milho, soja, tomate e trigo.

Na cultura do arroz, a expansão do valor bruto da produção (11,96%) esteve atrelada às maiores cotações do produto (20,40%) na comparação de janeiro a dezembro de 2022 e de 2023. Para produção, houve queda de 7,02% – configurando-se como a menor safra dos últimos 26 anos, reflexo da redução da área destinada ao cultivo, tanto irrigado quanto de sequeiro. Segundo a Conab, esse cenário foi influenciado, principalmente, pelos altos custos de produção e pela preferência por culturas concorrentes, como milho e soja. Apesar disso, se observou um aumento na produtividade da cultura, embora tenha ficado aquém de seu potencial. É importante ressaltar que, em alguns municípios, a aplicação eficiente da tecnologia resultou em níveis significativamente elevados de produtividade. No que diz respeito aos preços, a equipe Arroz/Cepea ressalta que a valorização na comparação interanual foi devida, especialmente, à baixa produção da safra 2022/23. Adicionalmente, a equipe aponta que no primeiro semestre do ano houve um movimento de baixa devido à colheita nas principais regiões produtoras do

Mercosul e às variações na demanda por arroz em casca e beneficiado. A partir do segundo semestre, as cotações do arroz apresentaram uma elevação expressiva devido aos aumentos relacionados à forte demanda, tanto no mercado interno quanto para exportação, à menor oferta, à restrição vendedora e às preocupações relacionadas à nova safra – que registrou problemas no campo, por conta do clima desfavorável.

No caso da cana-de-açúcar, o crescimento do valor bruto de produção (6,53%) para 2023 reflete a maior produção para o ano (10,94%), visto os menores preços reais (-3,97%), na comparação entre janeiro a dezembro de 2023 frente ao mesmo período de 2022. De acordo com a Conab, a maior produção decorre do ganho de produtividade em importantes regiões produtoras, dado o modesto aumento da área destinada à cultura. Ademais, a Companhia destaca que as condições climáticas se mostraram mais favoráveis em comparação à safra anterior. Com relação aos preços, a queda deve refletir os recuos observados para o etanol, conforme será discutido na seção sobre a agroindústria deste relatório.

Para a cultura da laranja, o crescimento do valor bruto da produção (23,00%) foi reflexo das altas nas cotações do produto na comparação entre períodos iguais (32,85%), dada a queda na produção anual (7,41%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, os preços oscilaram ao longo dos três primeiros trimestres do ano, entretanto, operaram acima dos patamares de 2022. No primeiro trimestre, observou-se uma tendência altista, como consequência tanto da oferta restrita, resultante das elevadas temperaturas, quanto da expansão de demanda. No segundo trimestre, houve um recuo das cotações devido ao início da colheita das variedades precoces da nova safra e ao processamento ainda lento nesse período. Apesar desse movimento de desvalorização ser característico do período, foi mais moderado em 2023, devido à elevada demanda industrial por matéria-prima, cujos estoques de suco de laranja estavam baixos. Já no terceiro trimestre, os preços voltaram a crescer em razão da baixa oferta e do aquecimento da demanda pela fruta – industrial e mercado *in natura*. No quarto trimestre do ano, os preços mantiveram o movimento de alta. No período, até se observou crescimento da oferta devido às condições climáticas favoráveis e à intensificação da colheita de variedades tardias, entretanto, a disponibilidade de laranjas no mercado *in natura* permaneceu restrita, já que a demanda industrial continuou aquecida.

Com relação à cultura do algodão, a queda do valor bruto da produção anual (-24,44%) decorre dos menores preços reais do produto (-36,80%), na comparação entre períodos iguais, uma vez que se observa uma maior produção em 2023 (22,72%). Segundo a Conab, o crescimento da produção reflete os avanços da área e da produtividade, configurando-se como a maior safra da história. A Companhia destaca que o ganho de produtividade se deve tanto às condições climáticas favoráveis, que proporcionaram um bom desenvolvimento da cultura e contribuíram para a colheita do produto, quanto à implementação e aprimoramento de tecnologias da produção de algodão. Segundo a equipe Algodão/Cepea, além da produção brasileira, a disponibilidade mundial de pluma também avançou, entretanto, a demanda ficou aquém do crescimento da oferta, o que ocasionou elevação dos estoques e queda nos preços externos e internos do algodão. A equipe ressalta que as condições econômicas desfavoráveis tanto no cenário mundial quanto no brasileiro geraram preocupações entre os agentes, o que limitou as vendas de produtos manufaturados. O primeiro trimestre foi marcado por pressões negativas nas cotações, devido ao excesso de oferta no mercado brasileiro e às incertezas no cenário internacional, que limitaram as vendas de manufaturados, impactando o ritmo de produção tanto das indústrias têxteis nacionais quanto internacionais. No segundo trimestre, os preços do algodão continuaram em queda, retornando aos níveis observados em outubro de 2020. Além do excedente significativo da safra anterior, que persistiu no segundo trimestre, a pressão sobre os preços também foi agravada pela queda no valor internacional da pluma, pela valorização do Real frente ao dólar e pela demanda enfraquecida. Além disso, as perspectivas de uma safra abundante em 2023 contribuíram para essa tendência de queda. No terceiro trimestre de 2023, os preços do algodão voltaram a crescer, apesar do avanço da colheita e do beneficiamento. A reação se deveu às valorizações internacionais, ao bom ritmo de exportação

e, sobretudo, ao fato de agentes estarem focados no cumprimento de contratos a termo aos mercados doméstico e externo. A equipe destaca que, no mês de julho, os preços internos ficaram inferiores à paridade de exportação, o que não é comum. No quarto trimestre, as cotações oscilaram no mercado *spot* nacional devido ao desacordo entre agentes quanto aos valores de negociação e à qualidade dos lotes disponibilizados, com as exportações atuando como um elemento de suporte que contribuiu para a redução dos excedentes internos.

No caso da banana, a queda no valor bruto da produção (-14,70%), resultou dos preços reais (-12,17%), na comparação entre janeiro a dezembro de 2022 e de 2023, e da produção (-2,87%) menores. De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, as cotações da banana oscilaram ao longo de 2023. No primeiro trimestre, observou-se uma retração do preço médio de comercialização devido ao aumento da oferta. Até meados daquele trimestre, os bananais das principais regiões produtoras (Norte de Santa Catarina e Vale do Ribeira em São Paulo) estavam se recuperando das perdas dos dois últimos anos, decorrentes de entraves climáticos – vale destacar que, mesmo assim, o volume colhido nos primeiros meses de 2023 ainda esteve longe do seu potencial. A partir do segundo trimestre, houve aumento nos preços devido à maior demanda pela fruta e à baixa oferta em âmbito nacional, resultado das condições climáticas adversas – que também afetaram a qualidade das bananas. Contudo, no geral, as cotações ainda operam abaixo do valor médio observado em 2022.

Para a batata, os menores preços reais (-13,96%), na comparação entre períodos iguais, explicam a redução para o valor bruto de produção real (-9,24%), uma vez que se observa uma maior produção anual (5,49%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, a recuperação da oferta do tubérculo observada no início do ano promoveu o recuo dos preços médios de comercialização da batata ao longo do primeiro trimestre do ano. No segundo trimestre, as cotações apresentaram alta, visto que a oferta de batata se reduziu devido ao encerramento da safra das águas, em maio, e a bataticultura nacional praticamente entrou em período de entressafra. Já no terceiro trimestre, a maior oferta nacional, resultante da intensificação da safra de inverno, pressionou as cotações. A equipe destaca que as condições climáticas favoreceram a colheita, o controle fitossanitário e o bom desenvolvimento das lavouras de inverno. Finalmente, as cotações voltaram a crescer no quarto trimestre do ano reflexo da menor oferta, devido ao encerramento da colheita e à desaceleração da safra de inverno em algumas regiões produtoras. Adicionalmente, o grande volume de chuva impactou as atividades no campo e lavouras em desenvolvimento, gerando preocupações quanto a quebra de safra.

Na cultura do café, a redução no valor bruto da produção foi de 21,88%, pressionada pela queda de 27,77% nos preços reais, na comparação entre janeiro a dezembro de 2022 e de 2023, uma vez que se observa uma produção anual 8,15% maior. De acordo com a Conab, o aumento na produção foi resultado da expansão tanto da área cultivada quanto da produtividade, favorecida por condições climáticas mais favoráveis, mesmo em um ano de bialidade negativa. Destaca-se que a safra de 2022, marcada por bialidade positiva, enfrentou desafios relacionados a condições climáticas adversas em várias regiões produtoras do país ao longo do ciclo de desenvolvimento da safra. Em comparação com a safra de 2021, também um ano de bialidade negativa, o resultado da atual safra apresenta um aumento significativo de 15,38%. Com relação aos preços, a equipe Café/Cepea evidencia que os nove primeiros meses deste ano foram marcados pela baixa liquidez no mercado cafeeiro nacional devido, principalmente, à redução significativa nas cotações do grão. No primeiro trimestre, a queda nos preços só não foi maior em função das incertezas sobre a produção da nova safra no período, em especial, em relação à safra do conilon no Espírito Santo. O segundo trimestre foi marcado pela dificuldade na realização de negócios, mesmo com o início da colheita. A redução no preço do grão manteve grande parte dos cafeicultores afastada do mercado *spot* nacional. Esta queda esteve diretamente ligada à expectativa de recuperação na oferta de arábica da safra 2023-2024, após as quebras de produção nos anos anteriores. No terceiro trimestre, as cotações continuaram na tendência de baixa, alcançando os mais baixos patamares nominais desde maio de 2021. A pressão nesse período se deveu ao avanço da colheita no Brasil e das perspectivas

de boa oferta de curto prazo. Ademais, a equipe destaca que mesmo com o aumento da oferta, a liquidez seguiu baixa, tanto no mercado doméstico quanto para exportação. No quarto trimestre, houve retomada de negócios envolvendo o café no mercado *spot* nacional, estimulada pelos fortes avanços nos preços externos e, conseqüentemente, internos. Adicionalmente, a preocupação dos agentes quanto aos impactos do clima sobre as lavouras e aos menores estoques certificados da Bolsa de Nova York (ICE Futures) impulsionou as cotações.

**Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2023/2022 com informações até dezembro**

Produtos	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	-22,44	-36,80	22,72
Arroz	11,96	20,40	-7,02
Banana	-14,70	-12,17	-2,87
Batata	-9,24	-13,96	5,49
Cacau	25,55	25,33	0,18
Café	-21,88	-27,77	8,15
Cana	6,53	-3,97	10,94
Feijão	-8,97	-10,36	1,55
Fumo	38,31	32,44	4,43
Laranja	23,00	32,85	-7,41
Mandioca	-9,28	-13,71	5,13
Milho	-17,69	-29,37	16,53
Soja	-8,48	-25,68	23,15
Tomate	-3,25	-4,70	1,52
Trigo	-46,06	-29,69	-23,29
Uva	34,72	17,70	14,46
Madeira tora*	1,39	16,28	-12,80
Madeira p/ Celulose	12,72	16,21	-3,00
Lenha/carvão	36,12	31,77	3,30

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Consecana).

No que se refere ao milho, o menor valor bruto da produção (-17,69%) reflete a queda nos preços reais (-29,37%), na comparação entre períodos iguais, visto o crescimento da produção anual (16,53%). Segundo a Conab, o aumento da produção decorre da expansão da área destinada à cultura e do crescimento da produtividade, especialmente da segunda safra. Na primeira safra, na maioria das regiões produtoras, as produtividades obtidas superaram as da safra 2021/22 – reflexo das condições climáticas favoráveis aliadas ao investimento em tecnologia feito pelos agricultores, sendo o destaque negativo o Rio Grande do Sul (impactado pelo La Niña). Quanto à área da primeira safra, houve redução – corroborando a tendência de queda no cultivo do milho no verão, devido à opção dos produtores pela soja. Com relação à segunda safra, tanto área quanto produção foram recordes. Apesar do plantio ter sido realizado tardiamente em várias regiões, as condições climáticas favoráveis proporcionaram um suprimento adequado de água para as plantações, com as produtividades ultrapassando as alcançadas na safra 2021/22 – em alguns dos estados foram estabelecidos novos recordes históricos. Para a terceira safra, houve redução da área semeada em decorrência do aumento do custo de produção, mas se observou acréscimo na produtividade em virtude da permanência ou inclusão de produtores mais tecnificados. Com relação aos preços, a equipe Milho/Cepea evidencia a pressão negativa nas cotações no primeiro trimestre do ano decorrente da maior oferta da safra de verão, dos bons estoques de passagem, da menor paridade de exportação, da



expectativa de uma nova oferta recorde para 2023 e da demanda doméstica menos aquecida. No segundo trimestre também se observou queda dos preços, influenciada pelo avanço da colheita da segunda safra e pelas estimativas oficiais indicando produção recorde na safra 2022-2023. Ademais, a perspectiva de oferta elevada nos Estados Unidos e a maior disponibilidade do cereal no mercado doméstico pressionaram os preços nos portos brasileiros e, conseqüentemente, nas regiões no interior do país. Durante a maior parte do terceiro trimestre, os preços do grão mantiveram-se em queda, influenciada pelo avanço da colheita e pelas baixas no mercado internacional. A partir de setembro os preços do milho voltaram a reagir, tendo como suporte o ritmo aquecido das exportações e da alta cotações nos portos – em resposta às valorizações externas e à desvalorização do Real frente ao dólar. Além disso, a retração de vendedores sustentou este movimento devido à expectativa de aumentos mais expressivos nos preços e preocupações quanto ao impacto do clima na próxima safra verão, que pode resultar em cultivo do milho fora da janela considerada ideal.

Para a soja, a queda no valor bruto da produção foi de 8,48%, o que resultou dos preços reais 25,68% menores na comparação entre períodos iguais. Para a produção anual, houve um aumento de 23,15%, configurando-se uma safra recorde. Segundo a Conab, o crescimento está atrelado aos aumentos da área destinada à cultura e da produtividade, que registrou recordes. Apesar de um cultivo mais longo e de dificuldades no período de colheita, as boas produtividades em praticamente todas as regiões foram favorecidas pela alta tecnologia empregada pelos produtores e pelas boas condições climáticas durante o desenvolvimento das lavouras, com exceção do Rio Grande do Sul, cuja produção foi fortemente impactada pela estiagem em regiões produtoras do noroeste e do centro do estado. Com relação aos preços, conforme apontado pela equipe Soja/Cepea, devido às negociações em ritmo controlado no início deste ano, as cotações vinham sendo seguradas. Contudo, a partir de março, com o avanço da colheita, a oferta se elevou e, conseqüentemente, as cotações da soja iniciaram movimento de queda. Adicionalmente, no primeiro trimestre do ano, os prêmios de exportações – com base no porto de Paranaguá – atingiram os menores patamares para o período, considerando a série histórica do Cepea iniciada em 2004. Seguindo a tendência baixista, no segundo trimestre, os preços da soja voltaram a operar nos níveis de 2020, o que se pode atribuir aos elevados volumes de estoques e à safra recorde do País, que garantiram que, mesmo com a demanda aquecida, a oferta se sobressaísse. Além destes fatores, a queda dos prêmios de exportação, bem como a valorização do Real frente ao dólar contribuíram para a pressão sobre as cotações da oleaginosa. No *front* externo, embora as embarcações estejam em ritmo acelerado neste ano, em junho, o preço recebido atingiu o menor patamar dos últimos dois anos. No terceiro trimestre, a desvalorização do Real frente ao dólar, a maior demanda externa pela soja do Brasil, a disputa entre compradores domésticos e externos e a retração de parte dos sojicultores brasileiros impulsionaram as cotações da oleaginosa. A equipe ressalta que os maiores fluxos de soja e de milho resultaram em aumentos nos preços do frete e redução da disponibilidade de cotas nos portos nacionais. No *front* externo, os preços caíram devido à proximidade da colheita da safra 2023/24 e à valorização do dólar, que desfavorece as negociações de soja nos Estados Unidos. No entanto, a piora das condições das lavouras e a firme demanda pelo grão norte-americano limitaram as baixas. No quarto trimestre do ano, as cotações foram sustentadas pela menor liquidez, pelos impactos das adversidades climáticas no cultivo da safra 2023/24 nacional e pela demanda aquecida, sobretudo externa. Segundo a equipe, o Brasil embarcou um volume recorde da oleaginosa em 2023.

No caso do tomate, a redução de 3,25% no valor bruto da produção foi resultado dos preços reais 4,70% menores, na comparação entre períodos iguais, dado a maior produção anual (1,52%). Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços foram pressionados pela intensificação da colheita da safra verão; entretanto, devido a intempéries climáticas e impactos de doenças ocorridas em algumas praças, o volume ofertado ficou aquém do esperado e impediu uma queda ainda maior dos preços. Em março e abril, devido à redução da oferta atrelada à proximidade do final da safra de verão e ao início ainda lento da temporada

de inverno, houve elevação dos preços. Em maio e junho, as regiões produtoras da safra de inverno intensificaram a colheita, como já esperado, pressionando as cotações do fruto. No terceiro trimestre, as cotações se elevaram à medida em que muitas as praças caminhavam para o fim da colheita da safra de inverno, restringindo a oferta do fruto. Entretanto, no quarto trimestre, os preços recuaram devido à intensificação da segunda parte da safra de inverno.

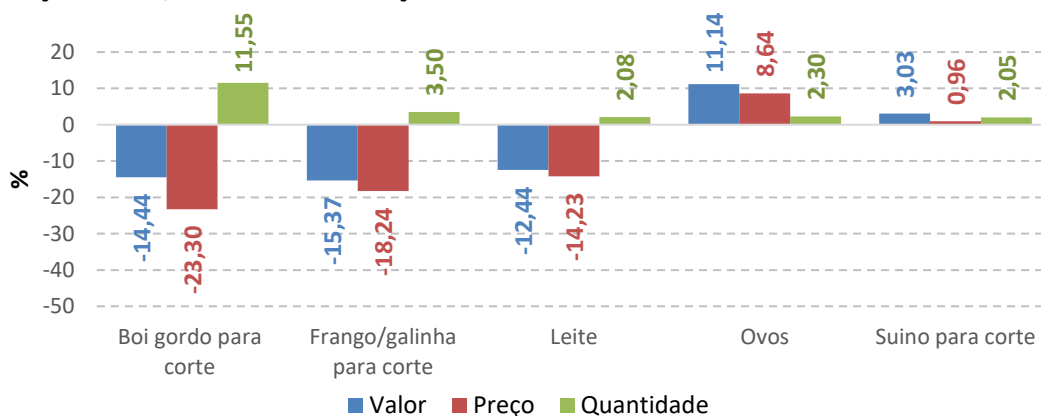
Para o trigo, as reduções dos preços na comparação entre janeiro a dezembro de 2022 e de 2023 (-29,69%) e da produção anual (-23,29%) explicam a queda do valor bruto da produção anual (-46,06%). Contudo, a safra 2023 configurou-se como a segunda maior da série história da Conab, atrás apenas da safra de 2022. De acordo com a Companhia, a menor produção reflete a redução da produtividade, sendo considerado o comportamento histórico normal para a cultura e intensificados por altos volumes de chuva na Região Sul do País. Por outro lado, há uma maior área cultivada, atribuída a um conjunto de fatores: atraso da semeadura do milho segunda safra e consequente perda da janela ideal; expansão da cultura na Bahia – estimulada pela organização da cadeia produtiva do trigo no estado e pela construção de um moinho de beneficiamento; bom nível de retorno ao risco apresentado pela cultura; e o fato de a janela de plantio ser mais tardia, o que permite ao produtor conciliar a produção de trigo com outras culturas. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea evidencia que a queda no primeiro trimestre do ano se deveu à baixa demanda – moinhos aparentaram estar abastecidos e as vendas dos derivados estiveram fracas – e à elevada disponibilidade, após a colheita da safra recorde no país em 2022 e a disponibilização de muitos lotes do cereal no mercado *spot* nacional por conta da necessidade de liberar espaço nos armazéns para entrada da safra verão. No segundo trimestre, os preços seguiram influenciados pela elevada disponibilidade de trigo no país, pela compra pontual por parte de moinhos e pela expectativa de boa safra. Além disso, houve pressão do aumento das estimativas de produção na Rússia e, principalmente, da renovação – em maio – do acordo de exportação de grãos pelo Mar Negro entre Rússia e Ucrânia. No terceiro trimestre, houve queda nas cotações do trigo devido à desvalorização externa do cereal, à demanda enfraquecida e à maior disponibilidade de trigo no País, diante do avanço da colheita. No quarto trimestre do ano, os preços foram sustentados pela demanda mais ativa por parte dos moinhos e pela queda na produção e qualidade da atual safra – devido às adversidades climáticas no Paraná e no Rio Grande do Sul, os dois mais importantes produtores do País.

Na Figura 2 constam as dinâmicas observadas para o segmento primário do ramo da pecuária. Enquanto a bovinocultura para corte, a avicultura para corte e a bovinocultura para leite apresentaram quedas do valor bruto da produção anual, a avicultura de postura e a suinocultura para corte apresentaram crescimento. A seguir, apresentam-se as análises detalhadas de cada atividade do segmento.

Na bovinocultura para corte foi observada queda de 14,44% do valor bruto de produção em 2023, resultante do recuo de 23,30% dos preços reais na comparação com 2022. Por sua vez, a produção anual cresceu 11,55%. A queda dos preços reais em 2023 se deveu à expansão da oferta de animais no campo, resultante de investimentos realizados pelo setor pecuário nos anos anteriores, como tecnologias que propiciaram ganhos de produtividade para a atividade; e do ciclo pecuário, marcado pelo aumento do número de abate de fêmeas – números corroborados pela Pesquisa Trimestral de Abate do IBGE. Ademais, ao longo do ano, houve eventos que contribuíram para a intensificação da desvalorização da arroba bovina. Por exemplo, em meados do primeiro trimestre, diante da identificação atípica de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), houve a suspensão de embarques de carne bovina com destinação à China, fazendo com que a produção fosse escoada para o mercado doméstico ou formando estoques por parte dos frigoríficos. Conforme equipe Boi/Cepea, os desdobramentos dessas ocorrências, ainda que isoladas, impactaram o mercado brasileiro, em alguma medida, até o fim do primeiro semestre, quando o preço médio mensal da arroba bovina registrou o menor patamar, em termos nominais, desde 2005. No terceiro trimestre, houve forte retração dos embarques de carne bovina, em resposta à conjuntura mundial restritiva, à procura por novos

lotes de animais por parte dos frigoríficos, que esteve enfraquecida devido ao alongamento das escalas de abate; e à redução dos preços de negociação com os compradores chineses. Um elemento comum a todos os períodos, contudo, foi o poder de compra do consumidor brasileiro ainda enfraquecido, que manteve a demanda doméstica enfraquecida. Por outro lado, o mercado externo foi um importante canal de escoamento da produção nacional, atingindo um recorde de 2 milhões de toneladas de carne bovina in natura, com a China enquanto o principal destino das exportações.

**Figura 2. Pecuária: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até dezembro**



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do Cepea e IBGE).

Na bovinocultura leiteira, houve queda de 12,44% do valor bruto de produção no ano, como consequência da desvalorização real de 14,23% do leite captado no campo, relativamente a 2022. A produção anual, por sua vez, apresentou crescimento de 2,08%. No primeiro trimestre de 2023, a projeção indicava um resultado positivo para a atividade, devido à conjunção de valorização atípica dos preços para o período e previsão de retração da produção. Na ocasião, a retração era atribuída a fatores estruturais, como o afastamento de produtores da atividade em função das condições adversas, bem como os impactos do fenômeno La Niña, com potencial para comprometer a produção em diferentes Regiões do País. A partir do segundo trimestre, contudo, houve reversão na tendência de alta dos preços do leite captado no campo – precisamente, em maio, a média mensal apresentou a primeira queda no ano. Esse movimento esteve atrelado ao consumo enfraquecido e, principalmente, ao importante volume de importações, que representou um incremento substancial na oferta doméstica de leite. Conforme equipe Leite/Cepea, o volume de leite importado no ano bateu recorde da série histórica da Secex. Com preços mais competitivos, o leite importado passou a gerar preocupações entre os produtores nacionais, o que se refletiu na reversão do resultado anual esperado para a atividade já no terceiro trimestre do ano. A manutenção do consumo enfraquecido e o aumento da oferta, ensejado sobremaneira pelas importações, intensificaram a queda do valor bruto de produção para o ano.

Na avicultura para corte houve retração de 15,37% do valor bruto de produção, resultante da desvalorização de 18,24% dos preços reais. A produção anual, por sua vez, expandiu 3,50%. Desde setembro de 2022, os preços médios mensais do frango iniciaram uma tendência baixista, face ao aumento da oferta de animais. Na ocasião, o incremento de animais surgiu como resposta às crescentes demandas doméstica, devido ao encarecimento das carnes concorrentes, e externa, em função da restrição de oferta internacional – seja devido à guerra na Ucrânia, importante fornecedor mundial da proteína; ou pelos registros de influenza aviária nos Estados Unidos e em países da União Europeia. O cenário marcado pela grande oferta de animais se manteve ao longo de 2023 – de acordo com o IBGE, houve recorde de abates nesse

ano –, contribuindo para a retração dos preços. Além disso, outros fatores contribuíram para este resultado, como o desaquecimento da demanda doméstica, face à perda de competitividade da carne avícola frente à bovina. A retração dos preços não foi maior em virtude dos embarques de carne de frango, que registraram recorde na série histórica, conforme destacado pela equipe Frango/Cepea.

Na avicultura de postura, por sua vez, houve crescimento de 11,14% do valor bruto de produção, em virtude da valorização real de 8,64% dos ovos, na comparação entre anos, e do crescimento de 2,30% da produção anual. De forma atípica, a partir de meados de janeiro, os preços dos ovos iniciaram tendência altista que se estendeu ao longo do primeiro semestre do ano. No primeiro trimestre, a oferta reduzida e a demanda interna aquecida, em função do período de Quaresma, contribuiu para que os preços médios atingissem recorde da série histórica do Cepea. No *front* externo, as exportações brasileiras de ovos (incluindo produtos *in natura* e processados) atingiram os maiores volumes em 13 anos, de acordo com a equipe Ovos/Cepea. Este resultado é devido, em parte, aos casos de Influenza Aviária em outros países, que redirecionaram parte da demanda internacional para o Brasil. Essa dinâmica contribuiu para que, a despeito do recuo dos preços registrados no segundo semestre, a média anual dos preços dos ovos atingisse patamar recorde.

Por fim, na suinocultura para corte houve crescimento de 3,03% do valor bruto de produção anual. O resultado reflete os preços reais 0,96% maiores, na comparação com 2022, e, principalmente, o crescimento de 2,05% da produção anual. Ao longo do ano, as estimativas para a atividade foram se tornando menos otimistas à medida que os preços do suíno vivo recuavam ou cresciam em ritmo menos acelerado que o observado no ano anterior. A perda do dinamismo dos preços está atrelada tanto à maior oferta de animais em peso ideal para abate quanto ao enfraquecimento da procura por novos lotes por parte dos frigoríficos, ainda que pontualmente, o que está relacionado, em partes, ao ganho de competitividade da carne bovina. Por outro lado, ao longo de todo o ano, as exportações de carne suína mantiveram-se aquecidas, registrando recorde na série histórica da Secex, conforme destaca a equipe Suíno/Cepea. Isto, aliado à redução dos custos de produção, ensejaram um movimento de recuperação da atividade em 2023, após um longo período de prejuízos, que culminou na redução de plantéis ou mesmo abandono da atividade de produtores independentes entre 2018 e 2022.

### **SEGMENTO INDUSTRIAL: agroindústria apresenta queda em 2023, pressionada por preços menores**

O PIB da agroindústria brasileira teve retração de 2,05% no quarto trimestre; acumulando queda de 2,05% em 2023 (Tabelas 1 e 2). Para a indústria de base agrícola, a queda de 3,23% do PIB no quarto trimestre resultou na redução de 3,43% no acumulado de 2023. Para a indústria de base pecuária, o PIB avançou 3,11% no quarto trimestre, acumulando alta de 4,07% no ano.

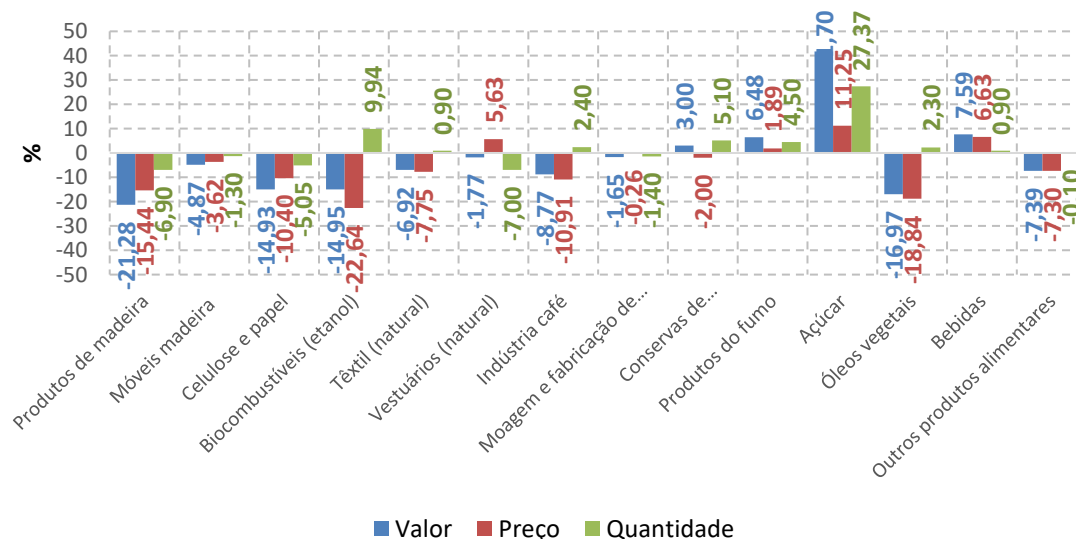
Na indústria agrícola, o menor PIB foi pressionado pela queda nos preços, uma vez que a produção industrial apresentou apenas um avanço modesto e houve redução de custos com insumos. Especificamente em relação ao valor bruto da produção, observou-se uma queda de 5,73% no ano, com preços médios 7,85% inferiores e um aumento de 2,31% na produção, em média, para o segmento. Já na indústria pecuária, o PIB foi impulsionado principalmente pela redução nos custos com insumos. Nesse contexto, a queda no valor bruto da produção anual foi de 7,57%, com preços 13,79% menores e um aumento médio de 7,21% na produção para o segmento.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se observou crescimento do valor bruto da produção em 2023 foram, apenas: bebidas, produtos do fumo, açúcar e conservas de frutas, legumes e outros vegetais. Já para as indústrias de produtos e móveis de madeira, biocombustíveis, celulose e papel, óleos

vegetais, têxteis e vestuários, indústria do café, moagem e fabricação de amiláceos e outros produtos alimentares houve queda de valor bruto da produção (Figura 3).

No caso do açúcar, a expansão de 41,70% no valor bruto da produção anual foi resultado tanto da maior produção 27,37% quanto dos preços 11,25% maiores na comparação entre períodos iguais. Segundo dados da Conab, houve maior direcionamento de Açúcar Total Recuperável (ATR) para a produção de açúcar motivado pela necessidade dos fabricantes de cumprirem contratos previamente negociados e pela redução da competitividade do etanol em relação à gasolina na maioria dos estados brasileiros. Além disso, a demanda externa permaneceu aquecida devido à dificuldade dos principais países concorrentes, como Índia, Tailândia e Austrália, em aumentar suas ofertas. Todos esses fatores contribuem para tornar a produção do adoçante mais atrativa. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços caíram devido à baixa demanda – muitos compradores estavam abastecidos para o período, por meio de estoques ou recebendo o açúcar contratado anteriormente –, enquanto a oferta de açúcar disponível para vendas adicionais foi limitada, especialmente para os tipos de melhor qualidade. No mercado internacional, os valores do demerara mantiveram-se fortalecidos no período, com perspectiva de baixa oferta mundial no curto prazo. Já no segundo trimestre, as cotações foram impulsionadas pela baixa disponibilidade do açúcar no mercado *spot* – mesmo que a demanda não tenha sido aquecida –, e o ritmo lento das negociações. A partir do terceiro trimestre, mesmo em meio à boa evolução da safra 2023/24 e com a maior produção de açúcar, se observou alta nos preços. Esse comportamento foi atribuído à desvalorização do Real frente ao dólar e à postura mais firme das usinas, tendo em vista a maior remuneração no mercado internacional. Ademais, as exportações de açúcar estiveram aquecidas, com rentabilidade superior à do mercado interno nesse período. De modo geral, o aumento das exportações em 2023 já era previsto devido aos preços internacionais favoráveis – reflexo da menor oferta mundial.

**Figura 3. Agroindústrias de base agrícola: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até dezembro**



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea, IBGE e Conab).

Com relação à produção de biocombustíveis, o menor valor bruto da produção (-14,95%) decorre dos preços reais menores (-22,64%), na comparação entre janeiro a dezembro de 2022 e 2023, contrapondo-se ao aumento na produção anual (9,94%). Apesar da preferência das usinas pela produção de açúcar, houve aumento na produção, com destaque para o etanol de milho, o qual se observou um acréscimo de 36,3% na quantidade produzida. Segundo a equipe Etanol/Cepea, no primeiro trimestre, embora caracterizado pela entressafra,

os preços experimentaram declínios devido à reduzida liquidez, resultante da diferença absoluta, ainda que pequena, de preços da gasolina C e do etanol hidratado. Essa situação colocou o biocombustível em desvantagem nas bombas. O segundo trimestre foi marcado por flutuações nos volumes negociados e nos preços devido às variações na demanda e nas condições climáticas e mudanças tributárias. Em abril e maio, os preços foram impulsionados pela combinação de demanda aquecida – vantagem comparativa de preços da gasolina C frente ao de etanol hidratado nas bombas das principais cidades e mudança tributário para o regime monofásico –, e da oferta limitada, que se deveu aos baixos estoques e aos impactos das chuvas nas usinas. Por fim, em junho, os preços foram pressionados pelo menor volume negociado – reflexo da expectativa de aumento nos impostos, mudanças nas alíquotas de ICMS e redução do preço da gasolina nas refinarias. A partir do terceiro trimestre, houve um movimento de desvalorização das cotações mesmo em um cenário de vantagem de preços do biocombustível sobre a gasolina C, movimento iniciado em finais de junho. A queda de preço foi atribuída ao bom desempenho da produção de etanol na temporada atual e ao consequente aumento da oferta. Além disso, a demora dos compradores em retornar ao uso do biocombustível, a maior produção de cana-de-açúcar e o rápido andamento das atividades agrícolas e industriais em São Paulo também contribuíram para essa tendência de desvalorização. A equipe destaca que os efeitos do fenômeno El Niño foram pouco sentidos pelo setor sucroenergético, com o processamento de cana se estendendo para dezembro em algumas unidades produtoras.

Para a indústria de óleos vegetais, a redução do valor bruto da produção (-16,97%) reflete as quedas nos preços reais (-18,84%) na comparação entre janeiro a dezembro de 2022 e de 2023, uma vez que se observou crescimento na produção (2,30%). De acordo com a equipe Soja/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços dos derivados caíram no Brasil, pressionados pela baixa demanda, sobretudo, doméstica. Consumidores de óleo de soja estavam afastados do mercado, com dificuldades em obter margem de lucro ao repassar o preço para o produto refinado. Além disso, parte das indústrias alimentícias indicava estar abastecida para médio prazo. O enfraquecimento da demanda pelo setor de biodiesel também pressionou as cotações. Entretanto, o movimento de baixa foi limitado por expectativas de maior demanda futura para a produção de biodiesel. No segundo trimestre, os preços continuaram apresentando tendência de baixa, pressionados pela demanda enfraquecida (externa e doméstica) e pelo menor custo com a matéria-prima. Nesse período, algumas indústrias brasileiras até limitaram a oferta do derivado, na expectativa de demanda externa mais aquecida nos meses subsequentes, fundamentada na menor produção na Argentina. No segundo semestre do ano, houve uma valorização diante da firme demanda global e do setor industrial, juntamente com o aumento do preço do petróleo. Este aumentou incentivou a mistura do biodiesel ao óleo diesel, com o óleo de soja sendo a principal matéria-prima na produção de biodiesel nos Estados Unidos e no Brasil.

A Tabela 5 apresenta as dinâmicas observadas para as atividades que compõem o segmento agroindustrial de base pecuária. Conforme se observa, todas as atividades apresentaram queda do valor bruto da produção em 2023-

**Tabela 5. Agroindústrias de base pecuária: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até dezembro**

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
<b>Valor</b>	-5,14	-8,20	-5,48
<b>Preço</b>	-2,78	-15,65	-7,15
<b>Quantidade</b>	-2,31	9,00	1,80

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea e IBGE).

O valor bruto de produção da agroindústria de abate e preparação de carnes e pescado recuou 8,20% em 2023, em função da desvalorização real de 15,65%, em comparação com 2022,

uma vez que a produção anual cresceu 9,00%. O resultado reflete sobremaneira o desempenho das atividades correspondentes do segmento primário, cujos preços estiveram em patamares consideravelmente inferiores daqueles praticados no mesmo período do ano anterior. No caso das carnes bovinas, ao longo do ano, as oscilações registradas decorreram tanto de fenômenos internos quanto externos. Por exemplo, houve a expansão da oferta de animais para abate, suspensões de embarques em razão de registros de EEB, impactos dos fenômenos climáticos e econômicos, que repercutiram tanto no mercado doméstico quanto no internacional, potencializando a pressão sobre os preços. No caso das carnes avícolas, o mercado foi impactado pela expansão da oferta e, em diversos momentos do ano, pelo enfraquecimento da demanda, a despeito do recorde de exportações registrado neste ano, o que contribuiu para o escoamento da produção e evitou quedas mais bruscas nos preços da proteína. Já em relação à carne suína, na contramão das anteriores, os preços se mantiveram em patamares superiores ao observado em 2022, o que se atribui ao ritmo acelerado de embarques de carne suína e, conforme destacado pela equipe Suíno/Cepea.

Por fim, na indústria de laticínios houve retração de 5,48% do valor bruto de produção, o que se atribui à queda de 7,15% dos preços reais, na comparação entre anos, haja vista a expansão de 1,80% da produção anual de derivados. De maneira geral, o desempenho da agroindústria está diretamente ligado ao da produção de leite no campo, dentro da porteira, o que explica os comovimentos entre as atividades. No início do ano, as projeções indicavam desempenho positivo para a atividade, em razão da valorização atípica proporcionada pela baixa disponibilidade de leite no campo, que encareceu a produção de laticínios. Esse movimento passou a perder força ao final do primeiro trimestre, em função do enfraquecimento da demanda na ponta final da cadeia, em decorrência do poder de compra da população ainda fragilizado, e pelo aumento do volume de importações de laticínios. Ambos os fatores se intensificaram ao longo do ano. Em relação às importações, devido ao seu preço mais competitivo quando comparado aos nacionais, os canais de distribuição pressionaram por desvalorizações dos preços domésticos a fim de manter a liquidez.

### **SEGMENTO DE SERVIÇOS: com reversão no último trimestre, PIB dos agrosserviços encerram 2023 em queda**

No quarto trimestre de 2023, o PIB dos serviços do agronegócio brasileiro recuou 1,82%, como resultado da queda de 3,43% dos agrosserviços agrícolas, haja vista o crescimento de 2,59% dos agrosserviços pecuários. No acumulado do ano, o segmento apresentou queda de 1,31%, resultante da combinação do avanço de 4,06% do ramo pecuário e de retração de 3,24% do ramo agrícola. O desempenho dos serviços agrícolas reflete a interação de diversos fatores nos estágios iniciais da cadeia produtiva. O crescimento na criação de gado, safras recordes e aumento no número de abates impactaram positivamente a demanda por serviços de transporte, armazenamento, comércio e outras atividades, como serviços financeiros, contábeis, jurídicos e de comunicação. Por outro lado, o desempenho negativo das indústrias de insumos e processamento, especialmente aquelas relacionadas à agricultura, teve um impacto adverso nos resultados dos serviços agrícolas.

### **CONCLUSÕES**

No quarto trimestre de 2023, o PIB do agronegócio brasileiro registrou uma redução de 2,07%, resultando em uma queda acumulada de 2,99%. É importante destacar que até o segundo trimestre, o setor vinha se recuperando da queda observada em 2022. No entanto, as quedas consecutivas nos dois últimos trimestres reverterem essa tendência positiva. Apesar disso, considerando o desempenho da economia brasileira como um todo, o PIB do agronegócio respondeu por 23,8% do PIB do País.

O desempenho do agronegócio foi afetado negativamente pela queda dos preços em todos os segmentos, mas esse cenário não se agravou devido à excepcional produção agrícola e ao crescimento na produção pecuária e laticínios e no volume de abates. Esses fatores impulsionaram a demanda por insumos e agrosserviços. No setor primário, houve reduções significativas nos preços de culturas importantes, como algodão, café, milho, soja e trigo, além de bovinos, aves e leite. Nas agroindústrias, destacam-se quedas nos preços de biocombustíveis, produtos de madeira, óleos vegetais e na indústria do café, entre outros. Já nas indústrias pecuárias, os preços mais baixos afetaram principalmente as indústrias de laticínios e de abate e processamento de carne e pescados.

Pela perspectiva dos segmentos do setor, o PIB dos insumos registrou uma redução de 23,57% no ano, com quedas nos ramos agrícola (-27,92%) e pecuário (-9,32%). Esse desempenho foi influenciado negativamente pela significativa diminuição do valor bruto da produção, principalmente devido à desvalorização dos preços dos fertilizantes, defensivos agrícolas e rações para animais.

No segmento primário, o PIB registrou uma retração de 1,42% no quarto trimestre de 2023 e 1,00% no ano, sustentado principalmente pelo desempenho positivo da agricultura, que cresceu 0,31% no trimestre e acumulou um crescimento de 5,11% no ano. Esse avanço observado para o primário agrícola foi impulsionado pelo aumento da produção, com safras recordes, e pela redução dos custos de produção devido à queda nos preços dos insumos, como fertilizantes e defensivos agrícolas. Por outro lado, na pecuária houve uma queda de 4,34% no trimestre, acumulando uma redução de 10,61% no ano. Apesar do aumento na produção ao longo de 2023 e da diminuição dos custos com alimentação dos animais, atividades importantes como a produção de leite, bovinos e frangos para corte sofreram consideráveis quedas nos preços.

Para o segmento agroindustrial, a queda no PIB no trimestre (-2,05%) foi pressionada pela redução nas agroindústrias de base agrícola (-3,23%), enquanto houve crescimento para aquelas de base pecuária (3,11%). No acumulado, a retração observada para o segmento (-2,05%) também reflete o desempenho negativo das agroindústrias de base agrícola (-3,43%), contrastando com o crescimento observado nas de base pecuária (4,07%). Na indústria agrícola, apesar dos menores custos e do aumento modesto da produção, a queda no valor da produção devido à redução nos preços exerceu pressão sobre o resultado. Já na indústria pecuária, o desempenho positivo foi principalmente atribuído à redução nos custos com insumos, em contrapartida à queda no valor da produção, influenciada pelo comportamento desfavorável dos preços.

No que diz respeito aos agrosserviços, registrou-se queda de 1,82% do PIB no quarto trimestre. Essa diminuição resultou de uma queda de 3,43% nos agrosserviços de base agrícola, enquanto os de base pecuária apresentaram um crescimento de 2,59%. Assim, o segmento acumulou uma redução de 1,31% ao longo de 2023, refletindo a queda de 3,24% nos agrosserviços agrícolas e o crescimento de 4,06% nos agrosserviços pecuários. De maneira geral, esses resultados espelham as dinâmicas dos segmentos a montante, destacando especialmente os aumentos de produção dentro e fora da porteira.

Por fim, ao analisar os ramos do agronegócio separadamente, observa-se que, no acumulado, as atividades do ramo agrícola apresentaram uma queda de 3,26% no PIB, enquanto no quarto trimestre essa queda foi de 2,82%. Já no ramo da pecuária, verificou-se um encolhimento de 2,30% no acumulado e uma variação praticamente estável de apenas 0,07% no trimestre.



## ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

### A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
dez/22	0,02	-0,22	-0,13	-0,13	-0,17
jan/23	-0,23	0,82	0,12	0,29	0,36
fev/23	-1,39	0,21	0,05	-0,05	-0,05
mar/23	-3,21	0,22	0,08	-0,01	-0,13
abr/23	-3,04	1,26	0,34	0,53	0,47
mai/23	-2,74	0,06	0,17	0,27	0,00
jun/23	-2,65	-0,27	-0,02	0,16	-0,18
jul/23	-2,38	-0,42	-0,41	-0,24	-0,47
ago/23	-2,11	-0,73	-0,18	-0,10	-0,42
set/23	-2,30	-0,70	-0,14	-0,34	-0,52
out/23	-2,10	-1,05	-0,39	-0,47	-0,72
nov/23	-2,21	-0,39	-0,67	-0,58	-0,66
dez/23	-2,18	0,01	-1,00	-0,78	-0,71
<b>Acumulado (jan-dez)</b>	<b>-23,57</b>	<b>-1,00</b>	<b>-2,05</b>	<b>-1,31</b>	<b>-2,99</b>

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
dez/22	-0,72	-0,28	-0,27	-0,49	-0,47
jan/23	-0,14	1,08	0,08	0,31	0,40
fev/23	-1,41	0,24	0,18	0,14	0,06
mar/23	-3,67	0,59	0,31	0,31	0,11
abr/23	-3,76	1,80	0,38	0,59	0,55
mai/23	-3,22	0,01	0,07	0,04	-0,18
jun/23	-3,47	0,19	-0,15	-0,11	-0,27
jul/23	-2,60	0,07	-0,49	-0,39	-0,46
ago/23	-2,61	0,20	-0,37	-0,30	-0,35
set/23	-3,03	0,51	-0,22	-0,39	-0,31
out/23	-2,31	-0,74	-0,81	-1,07	-1,02
nov/23	-2,74	0,15	-1,08	-1,14	-0,93
dez/23	-3,27	0,91	-1,37	-1,26	-0,90
<b>Acumulado (jan-dez)</b>	<b>-27,92</b>	<b>5,11</b>	<b>-3,43</b>	<b>-3,24</b>	<b>-3,26</b>

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
dez/22	3,09	0,16	0,46	0,87	0,65
jan/23	-0,55	0,39	0,31	0,25	0,27
fev/23	-1,33	0,16	-0,54	-0,56	-0,33
mar/23	-1,72	-0,39	-1,00	-0,93	-0,78
abr/23	-0,88	0,36	0,14	0,36	0,26
mai/23	-1,31	0,16	0,66	0,95	0,48
jun/23	-0,27	-1,04	0,55	0,92	0,05
jul/23	-1,67	-1,24	-0,03	0,16	-0,50
ago/23	-0,64	-2,31	0,67	0,46	-0,60
set/23	-0,18	-2,79	0,18	-0,18	-1,08
out/23	-1,39	-1,54	1,44	1,19	0,10
nov/23	-0,65	-1,31	1,11	0,90	0,05
dez/23	0,90	-1,55	0,53	0,48	-0,22
<b>Acumulado (jan-dez)</b>	<b>-9,32</b>	<b>-10,61</b>	<b>4,07</b>	<b>4,06</b>	<b>-2,30</b>

Fontes: Cepea/USP e CNA

## A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
dez/22	7,3%	27,7%	22,8%	42,2%	100,0%
jan/23	6,7%	28,5%	22,5%	42,3%	100,0%
fev/23	6,4%	28,2%	23,0%	42,5%	100,0%
mar/23	5,8%	28,2%	23,2%	42,7%	100,0%
abr/23	5,5%	28,6%	23,1%	42,8%	100,0%
mai/23	5,4%	28,3%	23,2%	43,0%	100,0%
jun/23	5,4%	28,0%	23,3%	43,3%	100,0%
jul/23	5,5%	27,9%	23,3%	43,4%	100,0%
ago/23	5,5%	27,7%	23,4%	43,5%	100,0%
set/23	5,5%	27,5%	23,5%	43,5%	100,0%
out/23	5,6%	27,4%	23,5%	43,5%	100,0%
nov/23	5,6%	27,4%	23,5%	43,5%	100,0%
dez/23	5,6%	27,6%	23,4%	43,4%	100,0%
RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
dez/22	7,7%	23,9%	25,6%	42,7%	100,0%
jan/23	7,1%	24,8%	25,1%	43,0%	100,0%
fev/23	6,7%	24,1%	25,8%	43,4%	100,0%
mar/23	6,0%	24,1%	26,1%	43,7%	100,0%
abr/23	5,6%	24,7%	26,0%	43,7%	100,0%
mai/23	5,5%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
jun/23	5,4%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
jul/23	5,5%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
ago/23	5,5%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
set/23	5,5%	24,5%	26,2%	43,8%	100,0%
out/23	5,6%	24,4%	26,3%	43,7%	100,0%
nov/23	5,7%	24,5%	26,2%	43,6%	100,0%
dez/23	5,7%	24,8%	26,1%	43,4%	100,0%
RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
dez/22	6,1%	37,5%	15,6%	40,8%	100,0%
jan/23	5,5%	38,4%	15,5%	40,6%	100,0%
fev/23	5,4%	39,3%	15,3%	40,1%	100,0%
mar/23	5,4%	39,4%	15,2%	40,0%	100,0%
abr/23	5,4%	39,1%	15,2%	40,3%	100,0%
mai/23	5,3%	38,6%	15,3%	40,9%	100,0%
jun/23	5,4%	37,6%	15,5%	41,5%	100,0%
jul/23	5,3%	37,2%	15,6%	41,9%	100,0%
ago/23	5,4%	36,3%	15,9%	42,4%	100,0%
set/23	5,5%	35,6%	16,1%	42,7%	100,0%
out/23	5,5%	35,1%	16,3%	43,1%	100,0%
nov/23	5,5%	34,9%	16,4%	43,2%	100,0%
dez/23	5,6%	34,6%	16,4%	43,3%	100,0%

Fontes: Cepea/USP e CNA.

## A3) PIB-VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)

	PIB Volume do Agronegócio*				
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-1,70	19,31	1,64	6,92	8,43
Ramo Agrícola	-3,05	27,04	-0,60	5,10	8,01
Ramo Pecuário	2,72	7,16	11,54	11,98	9,53

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

## A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação atualmente trimestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que

segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas trimestrais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (PIB analisado pelo Cepea e pela CNA em seus relatórios): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.
- **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Trimestralmente, o foco de análise é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo destes relatórios.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao período corrente, como também ao que se refere a períodos e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.**

**Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:**

**Bruno Barcelos Lucchi** – Diretor Técnico

**Maciel Aleomir da Silva** – Diretor Técnico Adjunto

**Núcleo Econômico**

**Renato Conchon** – Coordenador

**Elisângela Pereira Lopes** – Assessora Técnica

**Isabel Mendes de Faria** – Assessora Técnica

**Guilherme Augusto Costa Rios** – Assessor Técnico

**Gustavo Vaz da Costa** – Assessor Técnico

**Maria Angélica Echer Ferreira Feijó** – Assessora Técnica

**Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA:**

**Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D** – Coordenador científico do Cepea

**Nicole Rennó Castro, Dra** – Coordenadora técnica do projeto

**Pesquisadores Macroeconomia:**

**Gabriel Costeira Machado, Dr.**

**Felipe Miranda de Souza Almeida, Dr.**

**Adriana Ferreira Silva, Dra.**

**Arlei Luiz Fachinello, Dr.**